

Capítulo 2

O cânon do Antigo Testamento e a unidade da Bíblia

Os próximos três capítulos tratam da legitimidade dos livros que compõem os cânones do Antigo e do Novo Testamento. Já que estamos preocupados com a coerência da mensagem proposta nesses livros, devemos considerar as circunstâncias que os tornaram canônicos. O que motivou os judeus a definir que livros comporiam o cânon do Antigo Testamento, e as igrejas cristãs a decidir sobre os livros do cânon do Novo Testamento? As respostas a essas perguntas são importantes para sabermos se devemos esperar que haja uma mensagem unificada na Bíblia. Portanto, consideraremos agora que situação em Israel deu origem ao cânon do Antigo Testamento, uma conjuntura que nos fornece um argumento fundamental para sua coerência.

O senso de destino histórico de Israel

Israel é a única nação da terra que compreende sua história como o resultado de uma intervenção sobrenatural de Deus, cuja fundação ocorre a partir da eleição de Abraão. No oitavo século antes de Cristo, o profeta Amós expressou essa certeza citando as palavras de Deus: “Escolhi apenas vocês [Israel] de todas as famílias da terra” (Am 3.2). O primeiro procedimento de Deus na execução dessa decisão está registrado em Gênesis 12.1-3, onde ele ordena a Abraão:

Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados.

A maior parte do Gênesis nos revela, então, como Abraão, seu filho Isaque e seu neto Jacó viveram como estrangeiros na terra de Canaã. O livro se encerra com o relato de como os doze filhos de Jacó se estabeleceram na terra do



Egito, onde as boas condições de vida tornaram possível que o clã em rápida expansão sobrevivesse.

Durante os quatrocentos anos que permaneceram no Egito, os israelitas caíram em desgraça com os egípcios, que os transformaram em escravos. No entanto, conforme relatam os livros que vão de Êxodo a Deuteronômio, Deus levantou Moisés e, através de obras milagrosas, resgatou seu povo do Egito, trazendo-o de volta para Canaã, a terra dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Ali, Deus permitiu que os israelitas dominassem os cananeus para que a terra se tornasse sua, uma proeza que encontra sua melhor expressão nas palavras de Moisés dirigidas ao povo:

O Senhor não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito (Dt 7.7-8).

Outro exemplo da convicção israelita de que sua história estava sendo governada por Deus se encontra na pregação do profeta Jeremias (639-575 a.C.). Quando o povo estava prestes a ser conduzido ao cativeiro na Babilônia em razão de seus pecados, Jeremias declarou que a punição era apenas temporária e que Deus continuaria a realizar seus propósitos para Israel. Citando Deus, ele escreveu:

Se a minha aliança com o dia e com a noite não mais vigorasse, se eu não tivesse estabelecido as leis fixas do céu e da terra, então eu rejeitaria os descendentes de Jacó e do meu servo Davi, e não escolheria um dos seus descendentes para que governasse os descendentes de Abraão, de Isaque e de Jacó. Mas eu restaurarei a sorte deles e lhes manifestarei a minha compaixão (Jr 33.25-26).

Além disso, pelo menos três dos cento e cinquenta salmos, que tantas vezes repercutem as profundas convicções de Israel, referem-se ao fato de Deus agir ao longo de sua história. O Salmo 78 aborda sua obra em prol do povo de Israel, apesar de suas repetidas recaídas no pecado, começando por Abraão, passando pelo Êxodo do Egito e chegando à proclamação de Davi como rei. Salmos 105 relata as ações de Deus de Abraão até o Êxodo, e Salmos 106, seu cuidado com Israel do Êxodo até o Exílio, algum tempo depois de 587 a.C.

A formação do cânon do Antigo Testamento

O senso de destino histórico, portanto, era evidente, e seus escribas e sábios registraram essa história, produzindo a literatura mais completa e mais

bem conservada que qualquer outra nação antiga. A razão mais provável para que Israel preservasse sua literatura tão bem era a forte convicção do povo de que Deus o havia estabelecido como nação através de Abraão e muitas vezes interviria em sua história para salvá-lo da destruição, porque o Senhor estaria assim cumprindo a promessa feita àquele patriarca de que, em Israel, todas as nações do mundo poderiam ser enfim abençoadas. Os acontecimentos eram por demais importantes para serem esquecidos, e tão impressionantes que os israelitas desenvolveram uma literatura registrando o relacionamento de Deus com eles.

Mas a confiança na intervenção sobrenatural de Deus como explicação radical para a história de Israel não era compartilhada pelas nações vizinhas. Por tal motivo, o teólogo do Antigo Testamento Walther Eichrodt destacou que a singularidade da convicção de Israel deveria desempenhar um papel crucial na condução da história do mundo a um grande clímax. Ele observou como a consciência israelita de cumprir um propósito na história do mundo, regularmente reforçada pelas intervenções e declarações sobrenaturais de Deus, excluía “o medo que constantemente assombrara o mundo pagão, o medo da arbitrariedade e de capricho da divindade”. Israel se entendia como povo de Deus, “ou seja, um povo que possuía unidade em sua situação como *vassalo* de um Deus comum”.⁸

Três declarações no Antigo Testamento oferecem uma particular ajuda para tornar clara essa relação única. Uma está em Isaías 64.4: “Desde os tempos antigos ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, e olho nenhum viu outro Deus, além de ti, que trabalha para aqueles que nele esperam”. Nenhuma das outras religiões do mundo registra alguma coisa parecida com um Deus que é transcendente ou pessoal, e que trabalha em benefício daqueles que se comprometeram com ele e, em consequência disso, esperam de bom grado a sua atuação. Em todas as demais religiões – e também em um cristianismo que não tenha lido a Bíblia com o suficiente cuidado –, fala-se apenas em servir a Deus e agir em nome de seus interesses.⁹

O tema de Isaías é expandido em Jeremias 32.40-41, onde Deus promete: “Farei com eles [Israel] uma aliança permanente: Jamais deixarei de fazer o bem a eles [...]. Terei alegria em fazer-lhes o bem, e os plantarei firmemente nesta terra de todo o meu coração e de toda a minha alma”. Essa relação única entre

⁸ Walther Eichrodt, *Theology of the Old Testament*, trad. de J. A. Baker, 2 vols. (Philadelphia: Westminster, 1961), 1:38, 40, itálicos nossos.

⁹ Os Capítulos 5 e 6 seguintes, que analisam rapidamente o hinduísmo, o budismo e o islamismo (assim como o cristianismo, as maiores religiões do mundo), demonstram esse ponto.

Israel e Deus é também proclamada pelo salmista, aqui de uma maneira ainda mais surpreendente: “Assim como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor, e como os olhos das servas estão atentos à mão de sua senhora, também os nossos olhos estão atentos ao Senhor, ao nosso Deus, esperando que ele tenha misericórdia de nós” (Sl 123.2). A continuidade naturalmente esperada após as duas orações subordinadas por “como” seria algo do tipo “assim os nossos olhos olham para ti, ó Deus, para entender cada sinal do que tu queres que cada um de nós faça”. Entretanto, a oração principal rompe radicalmente com essa expectativa normal para afirmar que Israel estava esperando que Deus operasse misericordiosamente *a favor deles*, em vez de servi-lo.

Porque a Bíblia é o único lugar onde se fala de semelhante Deus? Todo historiador é confrontado com o problema de explicar a convicção única de Israel sobre a sua relação com Deus, pois é axiomático que cada efeito deve ter uma causa proporcional. Defendo que a manutenção dessa certeza por parte de Israel e a cuidadosa preservação da literatura que registra e interpreta as intervenções divinas em sua história não podem ser explicadas por qualquer circunstância natural de seu passado. Mas, uma vez que cada efeito deve ter uma causa, a conclusão só pode ser de que Deus de fato interveio sobrenaturalmente na história de Israel, e que o cânon do Antigo Testamento é o resultado de um fenômeno que pode ser explicado apenas por esta intervenção milagrosa.

A conclusão do cânon do Antigo Testamento

As sobrenaturais e divinas intervenções que deram origem à compilação dos livros canônicos de Israel continuaram ocorrendo em sua história até cerca de um século depois de ser libertado do cativeiro e exílio na Babilônia. Ou Malaquias, o último dos chamados profetas menores, ou Esdras ou Neemias, eminentes líderes de Israel pós-exílio, recebeu a última palavra profética de Deus. Entretanto, conforme Israel passava do controle dos persas (539-331 a.C.) para o dos gregos (331-164 a.C.), gradativamente ficou evidente que há muitos anos não se recebia mais revelação profética de Deus. Por isso, quando em 164 a.C., Judas Macabeu purificou e reconsagrou o templo profanado pelos gregos, ele reservou as pedras retiradas do altar profanado “à espera de que viesse algum profeta e se pronunciasse a esse respeito [ou seja, do que deveria ser feito com elas]” (1Mc 4.46; cf. 9.27 e 14.41 – BJ).

Um testemunho adicional do encerramento da revelação provém do historiador judeu Flávio Josefo (*Contra Apíão* 1.8), escrito em torno 95 d.C. Ele também declarou que não teria havido nenhuma “perfeita sucessão de profetas” desde o reinado do persa Artaxerxes, no quinto século a.C., época em que Malaquias, Esdras e Neemias estavam ativos.